

# A IMITAÇÃO: RUMO À SUBJETIVAÇÃO E À CONSTRUÇÃO DO EU

## Imitation: towards subjectivation and the construction of the self

INTA MULLER<sup>1</sup>  
DÉBORA LAKS<sup>2</sup>

---

**RESUMO:** Os primeiros anos de vida do bebê são decisivos para a constituição do psiquismo, para a subjetivação e para a construção do Eu. Psicanalistas da contemporaneidade, Victor Guerra, Roussillon e Stern, desenvolveram estudos para compreender o papel da presença de outro humano no desenvolvimento dos bebês. Dessa forma, a imitação tem sido considerada um importante marcador da intersubjetividade. A imitação inicialmente se limitaria aos movimentos faciais: abrir e fechar a boca, protusão da língua, fechar os olhos e outras expressões faciais primárias. Ao longo do desenvolvimento, torna-se fator essencial na construção subjetiva. Desenvolveremos as construções teóricas por meio de dois casos clínicos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imitação. Subjetivação. Intersubjetividade.

**ABSTRACT:** The first years of a baby's life are decisive for the constitution of the psyche, for subjectivation and for the construction of the Self. Contemporary psychoanalysts, Victor Guerra, Roussillon and Stern, developed studies to understand the role of the presence of another human in the development of babies. In this way, imitation has been considered an important marker of intersubjectivity. Imitation would initially be limited to facial movements: mouth opening and closing, tongue protrusion, eye closing, and other primary facial expressions. Throughout development, it becomes an essential factor in subjective construction. We will develop the theoretical constructions through two clinical cases.

**KEYWORDS:** Imitation. Subjectivation. Intersubjectivity.

---

<sup>1</sup> Psicóloga (PUCRS). Psicanalista (CEPdePA). Membro Associado do CEAPIA, do CEPdePA e da FLAPPSIP. E-mail: intamuller@gmail.com.

<sup>2</sup> Psicóloga (PUCRS). Especialista em Psicoterapia Psicanalítica (CELG). Especialista em Psicoterapia da Infância e Adolescência (CEAPIA). Membro do CEAPIA. E-mail: deboralaks@hotmail.com.

## Introdução

Os primeiros anos de vida do bebê são sabidamente decisivos para a constituição do psiquismo do ser humano e para a subjetivação como alicerces fundamentais para a construção do eu. Por meio de teorias desenvolvidas por Victor Guerra, Roussillon, Trevarthen, Spitz, Stern e outros, podemos compreender de forma mais ampla a importância do papel da imitação, que tem seu início dos 0 aos 4 meses.

Neste artigo, buscamos trazer as preciosas contribuições de psicanalistas que discorrem sobre o tema e conjecturam a respeito da imitação como marcador da intersubjetividade humana, da fala e da interação social. Pela imitação que ocorre por meio das interações, o bebê torna-se capaz de internalizar o outro e, posteriormente, constituir-se como indivíduo separado, original.

Serão trazidos dois casos clínicos a fim de elucidar a teoria psicanalítica.

## O papel da imitação

A importância da presença de outro humano para a constituição de um indivíduo vem sendo estudada com afinco pela psicanálise. Como nos tornamos humanos? Como nos constituímos sujeitos da nossa história? Que caminho um indivíduo deve percorrer para que isso ocorra? Todas essas perguntas podem ser respondidas a partir de diferentes perspectivas. Contudo, a partir da psicanálise, entende-se que a imitação é um marcador importante da intersubjetividade do bebê e colabora para nos constituirmos sujeitos da nossa história.

Em sua Grade de Indicadores de Intersubjetividade, Victor Guerra (2020) discorre sobre o caminho que um bebê percorre em seu desenvolvimento subjetivo, no primeiro ano de vida. Grade construída com importante influência winnicotiana. Do rumo ao processo de subjetivação, à construção de seu eu, o bebê e seus cuidadores vivenciariam onze indicadores subjetivos que, segundo o autor, seriam definitivos para um adequado desenvolvimento emocional. Iniciando pelo Encontro de olhares (0 a 2 meses), passando para as Protoconversações (2 meses), o terceiro ponto listado é a Imitação (0 a 4 meses). Importante ressaltar que a imitação não surge nesse momento, mas atinge seu ápice, uma vez que se encontra presente desde o nascimento.

Trevarthen, citado por Guerra (2020) refere que o bebê tem paixão pela companhia, como uma especial busca de contato. A capacidade de imitação seria uma tendência inata, que aparece já nos primeiros meses de vida, para culminar aos dezoito meses na “fase do espelho”, aos três anos nos jogos de “faz de conta” e aos quatro anos na “teoria da mente”. A imitação seria a base desses três marcos do desenvolvimento infantil.

Meltzoff e Moore, igualmente citados por Guerra (2020), demonstraram que a imitação ocorre muito precocemente. O mais precoce que puderam avaliar foi

aos 42 minutos depois do nascimento. A imitação inicialmente se limitaria aos movimentos faciais: abrir e fechar a boca, protusão da língua, fechar os olhos e outras expressões faciais primárias. O bebê, então, imita durante os próximos dois minutos e meio. Para Stern (2007), a imitação é um complexo ato perceptual, motor e proprioceptivo de comunicação e pertencimento, podendo ser de ações ou vocalizações e indicando a percepção de um outro com um movimento do *self* proprioceptivamente direcionado a esse outro.

Nesse movimento inato de imitação, Stern (2007) refere que os bebês aprendem com rapidez, mas a situação de aprendizado deve respeitar a duração do momento presente. Esse momento presente seria o mesmo que memória operacional, que seria o armazenamento a curto prazo que guarda uma pequena quantidade de informações em armazenamento ativo por um tempo limitado. Enquanto se encontram no armazenamento ativo, as informações podem ser recuperadas e usadas conforme a necessidade. A duração do armazenamento ativo (sem repetição) é aproximadamente a mesma do momento presente. O tempo de espera da memória depende de uma multiplicidade de variáveis, assim como a duração do momento presente.

Mãe e bebê se tocam com o olhar, através do ato imitativo que é uma forma de incorporar o outro, deixá-lo alojar-se em seu próprio corpo, em um movimento de aproximação que dará lugar a uma introjeção da experiência e uma possível futura separação. Esse processo ocorre uma vez que a vivência é muito breve e a mãe, então, ajudará seu bebê a orientar sua atenção, seu desejo a outro objeto ou ao espaço.

Para Eugenio Gaddini (2005), a imitação pode ser compreendida como uma forma primitiva de entrar em contato com o outro. Ela teria por finalidade estabelecer a fusão com o outro e o investimento ao mesmo, pois as deficiências do *self* primitivo levam ao uso da imitação como única forma de se relacionar. Esta imitação seria diferente da identificação, ou seja, a capacidade de interiorizar a realidade e a relação com o outro. O conceito de imitação traz consigo a possibilidade de compreender o vínculo. A criança imita para ser, porque não conhece outra maneira de adquirir sua própria identidade senão imitando.

A importância da imitação, para Gaddini, está nos primeiros momentos da formação da identidade. Os processos imitativos são, portanto, fundamentais para a construção da identidade se forem, em um segundo momento, integrados e subordinados aos processos introjetivos. Seria como o que acontece na psicoterapia, da imitação do terapeuta para a função de internalização transformadora, aquela pela qual a criança aprende a ressignificar o que internaliza, a utilizar algo que depois reorganiza emocionalmente. Essa comunicação, algumas vezes silenciosa, ancora-se sobre processos sensoriais, em que os sons, os cheiros, as luzes, passam a se organizar emocionalmente com a imitação.

Winnicott (2000) descreveu a comunicação silenciosa como uma forma de interação emocional que ocorre por meio de gestos, olhares, expressões faciais, tom de voz e outras expressões não verbais. Essa comunicação é fundamental

para o desenvolvimento emocional saudável da criança, pois permite a criação de um vínculo afetivo entre o bebê e sua figura de cuidado. Além de Winnicott, outros teóricos da psicanálise também abordaram a comunicação não verbal em suas obras, como Melanie Klein, Wilfred Bion e Jacques Lacan.

A análise desses sinais não verbais é conhecida como “comunicação silenciosa” ou “comunicação não verbal” na psicanálise. O terapeuta pode observar a linguagem corporal do bebê ou do seu paciente, a maneira como ele se move, sua expressão facial e outros aspectos não verbais para entender melhor seus pensamentos e sentimentos, que refletem seu verdadeiro eu.

Seguindo com Winnicott (2000), a imitação pode ser uma das primeiras formas de figuração de um “eu” a partir do espelho do rosto do outro. É assim que o rosto materno se torna, como disse o autor, um espelho dos afetos do bebê, uma vez que demonstra que o bebê se reconhece a si mesmo no rosto da mãe, como um espelho.

Podemos pensar, então, que no cenário do rosto e do olhar materno desfilam os afetos como personagens desconhecidos do teatro interno do bebê. Esse seria um aspecto fundamental para os elementos do desenvolvimento da subjetivação, ou seja, a construção do verdadeiro eu e a regulação dos afetos.

A imitação seria o testemunho da presença do outro por meio de padrões de expressões comunicativas segundo o tempo, a forma e a intensidade em diversas modalidades. Os padrões se encadeiam no tempo, se imitam pela forma e se registram ordenados segundo a intensidade (Guerra, 2020). Essa coordenação de estados internos entre sujeitos capacita cada um para ressoar com o outro, ou refleti-lo. Mais que um gesto, quando há imitação, os seres humanos buscam reproduzir o sentido de uma ação, sua intenção. A imitação das expressões mímicas sugere que o bebê mostra que é a coloração emocional, o afeto compartilhado que é a prioridade. É a dimensão de sentido e de intenções que funda a intersubjetividade e introduz a cada ser humano um intercâmbio social. A partir do intercâmbio de olhares, transforma-se a qualidade de imitação entre os humanos.

Guerra (2020, p. 9) afirma: “... há um outro fora de mim, o gesto e a emoção que saem de mim são recebidos por ele e não se perdem. Quando me são devolvidos sinto que existo”. Estamos, então, falando sobre intersubjetividade, como afirma o autor, potencialidade de estabelecer um vínculo com o outro e compartilhar experiências afetivas internas. Para Golse (2023), a intersubjetividade provém do terreno interpessoal e a subjetivação provém do terreno intrapsíquico. Assim, a intersubjetividade e a subjetivação, como experiências de construção, de um encontro com o outro, implicam a necessidade de duas subjetividades. Ninguém se desenvolve sozinho.

Ao redor do segundo e terceiro mês, os bebês tentam imitar precariamente algumas expressões. Essa imitação incipiente se deve a uma função dos “neurônios espelho”. Há uma disposição inata e uma zona precisa, a região ventral do córtex frontal pré-motor F5, onde uma população particular de células apresenta

descargas quando alguém realiza uma ação. Assim, esse grupo de neurônios tem uma atividade especial, se iluminam quando percebem uma ação e também quando ocorre uma realização motora da ação. Para alguns autores, esse seria o berço da empatia. Nossos neurônios espelho entram em ressonância com o gesto do outro que nos toca. Assim, a empatia neuronal de um estimula em espelho os neurônios motores do outro. Mas esse outro deve ser significativo. Stern (2007) formula a seguinte pergunta: o que faz com que um ser humano seja especial para o outro? E responde: o investimento libidinal ao tomar ao bebê como objeto de desejo, o ritmo e o rosto humano como espelho e, por fim, a inter-relação com a imitação como forma de regulação dos afetos.

Segundo Stern (2007), à medida que o bebê cresce e desenvolve suas próprias habilidades motoras e emocionais, a imitação continua a desempenhar um papel importante em seu desenvolvimento. Por meio da imitação, o bebê aprende a se relacionar com outras pessoas e a compreender as normas sociais e culturais que regem a interação entre as pessoas. Assim sendo, a imitação é uma forma fundamental de aprendizagem social e emocional nos primeiros anos de vida e desempenha um papel importante no desenvolvimento infantil.

Ao redor dos quatro meses os bebês buscam ativamente o rosto humano, o observam, o estudam e tentam imitar certas expressões. Essa imitação seria decorrente de um mecanismo chamado coincidência transmodal: o bebê associa o que vê com o que sente, proprioceptivamente, em seu rosto (Roussillon, 2019). Dessa forma, poderá traduzir os estímulos ambientais em estados internos. Essa seria a origem da intersubjetividade pré-simbólica. Assim, o bebê associa a conduta do outro, percebida visualmente, com seus próprios atos motores. O outro seria, então, acessível para si mesmo demonstrando que a prioridade seria a coloração emocional e o afeto compartilhado. É a dimensão do eu mediante correspondências transmodais (representações de conhecimento com base na percepção) o que aconteceria desde o momento do nascimento.

Pelos seis meses, o bebê torna-se capaz de reconhecer o rosto do outro em sua totalidade. Nesse momento, as áreas corticais que determinam a configuração gestáltica do rosto estão desenvolvidas e relativamente maduras. Falta amadurecer as conexões corticosubtemporais que permitem relacionar acontecimento/gesto com a emoção (Stern, 2007). Ao redor do oitavo mês, ocorre um momento essencial e importante da formação intersubjetiva. O bebê consegue distinguir o rosto dos seus pais do rosto de estranhos, como assinalou Spitz (1979). Marco essencial da diferenciação eu/não eu.

Para Wallon (2008), é somente a partir dos três anos que se dá a imitação verdadeira, a criança tendo consciência de poder fazer “como o outro” quando anteriormente ele “era o outro”. Wallon refere que para uma verdadeira imitação seriam necessárias duas condições básicas, uma diferenciação eu/outro e um encadeamento percepção-representação-reprodução. Elementos igualmente necessários para o desenvolvimento de uma intersubjetividade.

Mais do que um gesto, para Marcelli, citado por Guerra (2011b), quando um

bebê imita um adulto, busca reproduzir o sentido de uma ação, sua intenção. A imitação das expressões mímicas pelo bebê, com sentido e intenções, funda a intersubjetividade e introduz cada ser humano em um intercâmbio social.

Roussillon (2019) nos fala da importância da experiência do “duplo de si” que se trataria de um espelho de si, mas sendo um outro. Nesse caso, a imitação, a ritmicidade conjunta, a sintonia mimo-gestual-postural, a sintonia afetiva e o ajuste tomam sentido dentro de uma economia de prazer do “duplo”, do prazer de encontrar no outro um espelho de si. Essa experiência pode sustentar a ilusão de uma capacidade de encontrar-criar outro duplo de si na construção do próprio eu.

Podemos observar que as mães também imitam as expressões faciais dos seus bebês, particularmente as mímicas que demonstram alguma emoção. Gergely, citado por Guerra (2011a), refere um paradoxo: os bebês encolerizados se acalmam mais facilmente nos braços de seus pais quando estes imitam suas expressões faciais negativas. Refere três variáveis da imitação parental eficazes para acalmar o bebê:

1. O exagero (o caráter exagerado da expressão dos pais reverte a atribuição da emoção para o pai que imita a ação).
2. A ausência de consequência (apesar da expressão do pai, nada de ruim vai acontecer. Ocorre um desacoplamento entre a emoção expressada e a expressão parental simulada que vai até o bebê).
3. A sincronia (o efeito de espelho da expressão facial parental induz a uma excitação positiva, que inibiria o estado afetivo negativo. Podem aprender que, a partir dessas interações em espelho, podem lograr uma regulação homeostática de seus impulsos afetivos. Mais tarde, quando bebe já pode estabelecer representações secundárias de seus estados emocionais primários, pela internalização das expressões em espelho de seus pais, será capaz de regular por si mesmo seus estados positivos ou negativos).

Para tal, a homeostase emocional torna-se primordial. Ela refere-se à tendência natural do organismo de buscar um equilíbrio ou estabilidade emocional. De acordo com a teoria psicanalítica, as emoções desempenham um papel fundamental na regulação do equilíbrio psíquico. Quando experimentamos uma emoção intensa, como raiva, tristeza ou medo, o objetivo é restabelecer um estado de equilíbrio emocional.

A homeostase emocional envolve o processo de reconhecimento, expressão e regulação das emoções. Quando somos capazes de expressar nossas emoções de forma apropriada, processá-las e encontrar maneiras saudáveis de lidar com elas, podemos alcançar um estado de equilíbrio emocional. O que também chamamos de capacidade de autorregulação.

Importante referirmos a importância do envelope protonarrativo, que se refere a um conjunto de experiências e percepções sensoriais que ocorrem duran-

te as interações precoces entre o bebê e seus cuidadores primários. Stern (2007) acredita que essas experiências sensoriais formam uma base para o desenvolvimento futuro das capacidades narrativas do indivíduo.

O termo “envelope” refere-se à experiência imersiva e envolvente que o bebê tem durante as interações com os cuidadores. É um estado em que o bebê experimenta sensações e emoções, antes mesmo de ter a capacidade de formar narrativas conscientes. “Protonarrativo” sugere que essas experiências estão no estágio inicial, pré-verbal e pré-conceitual, mas são fundamentais para o desenvolvimento futuro das habilidades narrativas, como a capacidade de construir histórias coerentes sobre si mesmo e sobre os outros.

Para que um bebê encontre a homeostase afetiva será necessária a empatia, imitada pela expressão facial dos pais, que dá ao bebê acesso à sua internalização e uma narrativa corporal que abre caminho para a verbal, como um envelope protonarrativo.

Dolto (1996) afirma que para que a criança possa se expressar verbalmente é necessário que se utilize da atenção, do olhar e das mímicas, pois busca ser compreendida. A criança arrisca as primeiras palavras por meio do brinqueado e de reproduções de palavras expressadas pelos familiares. Assim, a mímica e o gesto se instalam como funcionamento básico da linguagem; a criança deve descobri-la e apropriar-se dela em uma trama de significados. Dessa maneira, percebe-se que a linguagem está no corpo.

Segundo Aimard (1986), é possível perceber uma linguagem-prazer nos ruídos bucais, na sucção e nos jogos de balbúcio do bebê. Na aquisição de linguagem, o balbúcio é em parte imitação, autoimitação, e o que importa mesmo é a significação e as características dessas produções.

A mãe opera na sonoridade pronunciada pelo filho e executa certos recortes e, por meio destes, ela restitui o seu bebê como um ser da linguagem. Lacan (1953/1998, p. 213) nos diz que “uma fala somente é fala à medida exata que alguém nela crê”.

Apesar das diferenças entre os construtos teóricos, optamos por citar Lacan em virtude de suas considerações a respeito da imitação e da fala. O autor enfatiza a importância do simbolismo e da metáfora na linguagem, e argumenta que a fala é uma forma de “dizer mais do que se quer dizer”. Isso significa que, quando falamos, estamos expressando não apenas nossos pensamentos conscientes, mas também nossos desejos e impulsos inconscientes. Dessa forma, a imitação nos bebês e a fala estão interligadas e têm raízes profundas na estrutura da linguagem e do inconsciente. Por meio da imitação, os bebês aprendem a linguagem e desenvolvem a capacidade de produzir sons e palavras significativas. A fala, por sua vez, é um processo que está enraizado no inconsciente e é uma forma de expressão que nos permite articular nossos desejos e necessidades, sendo igualmente um meio pelo qual o inconsciente se manifesta.

É por meio da imitação dos sons e padrões de fala de seus cuidadores que o bebê começa a desenvolver a capacidade de produzir sons, assim como palavras

significativas. Esse processo não seria simplesmente uma questão de aprendizado mecânico, pois envolve a assimilação da estrutura da linguagem e do discurso. Assim sendo, a linguagem é mais do que uma simples ferramenta de comunicação, é um sistema simbólico que molda nossa compreensão do mundo e da realidade (Lacan, 1953/1998).

A imitação é uma forma complexa de identificação com o outro, na qual o indivíduo incorpora as características do modelo do outro que está sendo imitado em sua própria personalidade e subjetividade. Seria, então, por meio da imitação que os indivíduos aprenderiam a se relacionar com os outros e a construir sua própria imagem e autoestima. A imitação pode ser um processo complexo e muitas vezes ambíguo, onde os indivíduos podem imitar comportamentos que não são autênticos ou que não correspondem à sua verdadeira personalidade. Ele chama essa imitação de “identificação imaginária” e argumenta que ela pode levar a conflitos e distúrbios psicológicos (Lacan, 1953/1998).

Assim, para Lacan (1953/1998), a imitação não é simplesmente um processo superficial de reprodução de comportamentos, mas um processo complexo de identificação e construção da subjetividade e da identidade pelo processo da fala. O brincar e a linguagem são essenciais na construção de significantes na infância. Aos poucos a palavra se destaca do contexto imediato da necessidade de nomear e adquire caráter cada vez mais simbólico e representativo.

## Caso 1

Carlos buscou atendimento psicoterápico para seu filho de 3 meses, Lucas, em função de sua esposa ter sido diagnosticada com psicose puerperal pelo psiquiatra que a acompanhava. As sessões ocorriam com a presença do casal e do bebê. Algumas vezes, Marta vinha com a babá e/ou a filha mais velha. Passados alguns meses do atendimento, temos a seguinte interação:

O bebê se encontra na cadeirinha (do carro) e se encurva quando a mãe conversa comigo sem olhá-lo.

Terapeuta: “Mamãe, quando escuto a tua voz calma quero ir para o teu colo”.

Mãe: Ah, tá... (entende este assinalamento quase como uma ordem).

Pega o bebê de forma rápida e sem muito afeto. Ajeita-o em seu colo de forma que conseguem cruzar olhares.

Terapeuta: “Isso mamãe, assim posso te olhar”.

Ela sorri para mim e diz:

Mãe: Tu achas que ele gosta disso? Assim... de ficar no meu colo... é que eu não consigo por muito tempo... não tenho paciência... fico pensando em todas as coisas que quero fazer... e então passo ele para a babá (que estava sentada ao seu lado).

Antes que pudesse seguir a conversa, ela olha para ele e faz um som com a boca, pouco intencional... E, para surpresa de todos, ele a imita. A terapeuta e a



babá mostram-se animadas com a interação. A mãe aceita o convite e seguem brincando de imitação.

Vemos aqui as importantes capacidades desse bebê. Primeiramente, pede para ganhar colo, e em seguida imita sua mãe, convidando-a para um enlace afetivo. Lucas demonstrava muitas habilidades, mas necessitava de um interlocutor (babá, pai, avó), uma vez que a mãe não tinha condições de corresponder aos seus convites afetivos. Nessa interação, vista pela primeira vez depois de alguns meses, pudemos ver um certo prazer na relação da mãe com seu bebê, o que foi sendo estimulado a fim de que a relação dessa dupla não se tornasse patológica.

## **Caso 2**

Marcela busca atendimento para sua filha Ana, de quase 2 anos. Ana havia sido diagnosticada pela sua fonoaudióloga como um bebê com risco de autismo. Os atendimentos psicoterápicos eram com a mãe e a filha, e por vezes com a avó. Marcela morava em outra cidade e havia retornado para a casa dos pais quando soube que estava grávida de uma relação fortuita.

Ana ainda não falava e não brincava simbolicamente. Costumava organizar os brinquedos pela cor ou pelo formato. Com a caixa de comidinhas, conseguimos iniciar aproximações e contatos oculares.

Depois de alguns meses de atendimento, quando Ana ofereceu um prato com comida para a mãe, ela o recebeu com entusiasmo e comeu, fazendo “hmmmmm, que delícia”. Ana a imitou fazendo um “hmmmmm” com a mesma duração e entonação. Ana passou, então, a aceitar comidinhas feitas pela mãe e pela terapeuta, iniciando brincadeiras lúdicas. Podemos dizer que o processo de imitação abriu as portas para uma relação mais prazerosa, construtiva e subjetiva. Intersubjetivamente, Ana foi desenvolvendo capacidades simbólicas, com o auxílio de sua mãe, que igualmente pôde aprender a compreender os sinais de sua filha. Ana foi adquirindo capacidades de interação que a levaram a emitir algumas palavras e, com o tempo, algumas frases.

## **Considerações finais**

Quando pensamos na dimensão intersubjetiva, entendemos a importância do encontro com o outro que reflete o estado afetivo do bebê tentando adaptar-se ao esperado pelo adulto. É necessário emprestar o psiquismo e o corpo como cenário dos embates pulsionais do bebê. Tratando de acalmar um bebê, seja por meio da imitação, da palavra ou da mentalização, não deixamos de buscar-nos e acalmarmos a nós mesmos. O rosto como cenário no qual se desenvolve o texto da condição humana.

Como observamos nos casos 1 e 2, um bebê não encontra em si mesmo a regulação afetiva. A exploração das emoções de um outro ser humano e a narrativa verbal que as acompanha criam um envelope protonarrativo. Essa regulação dos afetos conduz a um longo caminho: a construção do próprio eu.

A imitação é uma das primeiras formas de figuração de um eu a partir do espelho do rosto do outro, dos ritmos e da regulação afetiva. À medida que o bebê é capaz de imitar a brincadeira de sua mãe, seu desenvolvimento emocional pode fluir. Um bebê que chega para atendimento nos braços de uma mãe com psicose puerperal ou havendo um risco de autismo, se propriamente percebido e estimulado, consegue apropriar-se da comunicação e fazer trocas efetivas e afetivas com a mãe. Tal condição pode lhe garantir um acesso à fala, marco definitivo da condição humana, e de um eu em integração. O reconhecimento de si mesmo, em subjetivação, garante ao bebê uma vida rica em sonhos, desejos, fantasias e brincadeiras lúdicas para aplacar os momentos de descontinuidade.

## Referências

- Aimard, P. A. (1986). *Linguagem da criança*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Dolto, F. (1996). *Quando surge a criança*. Campinas: Papirus.
- Gaddini, E. (2005). *Imitazione e aggressività nel pensiero di Eugenio Gaddini*. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana.
- Golse, B. (2023). *Do sentimento de ser ao sentimento de existir no bebê*. Instituto Langage. São Paulo.
- Guerra, V. (2011a). *El bebé y la imitación. ¿Una forma de construir lo humano?* [Acervo CEAPIA].
- Guerra, V. (2011b). *La imitación en la regulación de los afectos de las neuronas espejo a la intersubjetividad*. [Acervo CEAPIA].
- Guerra, V. (2020). *Vida psíquica del bebé. La parentalidade y los procesos de subjetivacion*. Mastergraf, Uruguay.
- Lacan, J. (1998). *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1953)
- Roussillon, R. (2019). *O modelo do bebê e a questão das experiências primitivas*. Tradução de Vanise Dresch. Texto enviado para a Jornada da SBPdePA, Porto Alegre.
- Spitz, R. (1979). *O primeiro ano de vida*. São Paulo: Martin Fontes.
- Stern, D. (2007). *O momento presente. Na psicoterapia e na vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Record.
- Wallon, A. (2008). *Do ato ao pensamento*. São Paulo: Vozes.
- Winnicott, D. W. (2000). *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1953)